



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

BONITEZAS DE SER PROFESSORA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: CONFIANÇA, LIBERDADE, AUTONOMIA, ESPERANÇAR

Mirian Lange Noal
miriannoal@gmail.com

Resumo: os processos de ensino e aprendizagem na modalidade a distância têm sido desafiadores para docentes e discentes que, em sua maioria, não viveram a alfabetização digital. O aprender estar *online* se fez aligeirado, por tentativas, acertos e erros. Exigiu coragem, buscas, perseverança. Como professora, inquietações emergiram: Como construir processos educativos a distância? Como viver o ato político-pedagógico em sua inteireza? Como ser coerente com as responsabilidades político-educacionais? Que caminhos metodológicos trilhar? Com essas nascentes, o objetivo foi compreender a modalidade a distância em sua potência para desaprender e reaprender metodologias outras, na necessária releitura da atuação docente focada na confiança, liberdade e corresponsabilidade. A pesquisa, com predominância qualitativa, foi desenvolvida ao longo de onze anos, por meio de registros das experiências vividas como professora de cursos de licenciatura, na modalidade a distância, ofertados pela UFMS. Integrar o Grupo de Estudos em Formação de Professores na Educação a Distância (GEForPED) possibilitou estudos, debates e coleta de dados, ampliando a compreensão contextualizada da modalidade. Com mais de quarenta anos de docência, fui instigada a viver experiências nas quais o lugar de professora se deslocou da presença física para a distância. Processualmente desaprendi para aprender jeitos outros de estar com os/as alunos/as, estabelecendo redes de comunicação e de confiança alicerçadas no respeito à liberdade individual, no compromisso coletivo, no exercício de compartilhar experiências e conhecimentos. Experimentei a avaliação compartilhada e corresponsável, que se configurou como desafio e se efetivou como possibilidade de ser menos autoritária, mais flexível e confiante, gestando exercícios de autoavaliação docente e discente. Aprendi a ouvir mais, a controlar menos, a não julgar e a perceber que a ação político-pedagógica, presencial ou a distância, está impregnada de contradições e de questionamentos. Aprendi, sobretudo, a conviver com dúvidas mobilizadoras para os estudos, construindo uma atuação mais reflexiva e consciente.

Palavras-chave: Educação a distância, Ato político-pedagógico, Docentes e discentes



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

1 Introdução: iniciando a conversa

*Liberdade, essa palavra
que o sonho humano alimenta
que não há ninguém que explique
e ninguém que não entenda...*
(Cecília Meireles, 1965, p. 70)

O ato pedagógico, neste artigo, é compreendido como ato político-pedagógico - histórica e intencionalmente comprometido com as necessárias transformações sociais -, como momento de viver experiências, compartilhar conhecimentos e saberes, nos diversificados encontros entre docentes e discentes. É, portanto, histórico e intencional, precisando ser precedido de respostas a algumas perguntas fundantes que vão assegurar as referências para a atuação docente que se quer consciente e transformadora: Que sociedade, que seres humanos e que educação temos? Quais queremos ajudar a constituir?

Compreendemos que educação é constante processo de devir e, portanto, requer análise crítica de conjuntura, compreensão dos significados de ser humano e ser aprendiz, conhecimento dos processos educacionais, das instituições educativas, seus currículos e metodologias. Em nossa concepção, fundamentada em Freire (1985, 1987, 2000, 2004), a educação clama por confiança, liberdade, corresponsabilidade, diálogo, amorosidade, gentileza, respeito aos diferentes saberes e culturas.

A educação, na modalidade a distância, se impôs como necessidade de expansão do ensino superior público e como direito cidadão, dos habitantes das cidades do interior, nas quais não existia a possibilidade de acesso aos processos formativos em licenciaturas e bacharelados. Com a proposta de alguns encontros presenciais entre discentes e docentes, com a mediação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) e com o apoio de tutores presenciais e a distância, trouxe uma série de questionamentos aos/às professores/as habituados às aulas presenciais, nas quais, seus lugares de saber e de poder estavam demarcados historicamente.



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

No decorrer do processo, compreendi o quanto os processos de ensino e de aprendizagem, na modalidade a distância, são desafiadores para docentes e discentes que, em sua maioria, não viveram a alfabetização digital. Nosso aprender a estar *online* se fez aligeirado, por tentativas, acertos e erros. Exigiu coragem, buscas, perseverança. Como professora, inquietações emergiram: Como construir processos educativos a distância? Como viver o ato político-pedagógico em sua inteireza? Como ser coerente com as responsabilidades político-educacionais? Que caminhos metodológicos trilhar? Com essas nascentes, meu objetivo foi compreender a modalidade a distância em sua potência para desaprender e reaprender metodologias outras, na necessária releitura da atuação docente focada na confiança, liberdade e corresponsabilidade. Observar e ouvir os/as alunos/as foi fundamental. Mas...

De certa maneira, nós, professoras mais antigas, perdemos o chão, o quadro-verde, o contato “olho a olho”. Nossos conhecimentos didáticos e metodológicos se desmancharam frente às câmeras que filmavam nossas videoaulas. Habitadas aos comentários informais, às brincadeiras, a repetir explicações e abraçar, fomos colocadas diante das TDICs para ministrar aulas, compartilhar materiais e atividades avaliativas. Nos tempos de financiamentos mais fartos, dois encontros presenciais por semestre, depois, apenas um.

As possibilidades de controle desapareceram. Dúvidas surgiram: Essa atividade foi a Maria que fez? Ou foi o namorado? A irmã? A mãe? Quem? João foi mesmo na escola observar ou copiou de alguém? A avaliação presencial foi feita eticamente, ou houve cópias e ajudas mútuas? Na impossibilidade de saber, passei a buscar compreender essa modalidade que exigia eu estar próxima, mas que me mantinha fisicamente distante dos/as alunos/as. Como habitual leitora de poesias, encontrei Cora Coralina que assoprou: “Antes acreditar do que duvidar!”

Acolhi a sabedoria poética e decidi pesquisar, para melhor conhecer os/as parceiros/as de aprendizagens. A pesquisa, com predominância qualitativa (MINAYO, 1996, 1999), foi



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

desenvolvida ao longo de onze anos, por meio de registros das experiências vividas como professora de cursos de licenciatura, na modalidade a distância, ofertados pela UFMS. Ao final de cada encontro presencial, propunha uma roda de conversa para ouvir os/as alunos/as. Anotava as respostas em um caderno, que passou a ser um sacramento para mim. Repositório de confidências, tristezas, medos, alegrias, esperançar. Integrar o Grupo de Estudos em Formação de Professores na Educação a Distância (GEForPED) ampliou a compreensão contextualizada da modalidade. Participar do grupo possibilitou estudos, debates e coleta de dados quali-quantitativos, via questionários *online*, ampliando a compreensão contextualizada da modalidade e a caracterização dos/as aluno/as. Suas expectativas, suas experiências, suas dificuldades, suas opiniões sobre o ensino na modalidade a distância.

Ouvir as narrativas discentes, geralmente de mulheres, mães, trabalhadoras, com as dificuldades de cada uma para, além de todas essas atribuições, serem alunas, questionou as minhas certezas e as metodologias utilizadas. Percebi que precisaria mudar muito e que o processo seria belo, mas desafiador. Soma-se a esse contexto a memória que esses/as alunos/as têm de seus processos de escolarização que, na maioria das vezes, foram tradicionais e pouco eficazes nos processos de despertar para o estudo, para a busca do conhecimento, para a pesquisa, para a autonomia, para a leitura, para a escrita, para a corresponsabilidade, para as alegrias e o prazer de aprender e conhecer para além de suas culturas e saberes.

No entanto, por compromisso social, político e educacional, sabia que a qualidade da formação não poderia ser diminuída. Novamente fui buscar e encontrei alento na afirmação de Fávero (1992, p. 65): “[...] não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. ” Relativizei o poder da minha presença e decidi confiar nos potentes campos da educação e das transformações humanas. Tenho colhido flores e frutos.



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

2 Referencial teórico: companheiros/as de caminhada

Após o impacto inicial, e consciente do estradar político-pedagógico que decidi seguir, reencontrei em Freire (1985, 1987, 2000, 2004) o potente referencial teórico que fundamentaria minha atuação e a pesquisa. No patrono da educação brasileira revisitei sabedorias e trilhas para observar, refletir, projetar, buscar e construir a atuação profissional ética, engajada e sensível. Também para ouvir e estar com os alunos/as sem hierarquizar saberes.

Aos poucos, passei a compreender os processos de ensino e de aprendizagem, na modalidade a distância, com mais amplitude e possibilidades. Passei a confiar mais nos alunos e incentivei a autonomia e a corresponsabilidade. Depois de mais de quarenta anos de magistério, me tornei mais ciente de minha incompletude, voltei a ser aprendiz:

Aprendemos realmente quando conseguimos realmente transformar nossa vida em um processo permanente, paciente, confiante e afetuoso de aprendizagem. Processo permanente, porque nunca acaba. Paciente, porque os resultados nem sempre aparecem imediatamente e sempre se modificam. Confiante, porque aprendemos mais se temos uma atitude confiante, positiva, diante da vida, do mundo e de nós mesmos. Processo afetuoso, impregnado de carinho, de ternura, de compreensão, porque nos faz avançar muito mais (MORAN, 2001, p. 24).

Os termos confiança, liberdade, autonomia, amorosidade e esperar-se fizeram mais presentes. As disciplinas passaram a ser campos de pesquisa, pois as experiências e os conhecimentos anteriores já não eram suficientes. Nessa dinâmica, o ensino e a pesquisa caminharam juntos, consolidando a atuação profissional reflexiva e investigativa que constitui a atuação engajada, crítica e em permanente transformação. É uma concepção que defende, parafraseando Vaz (2002), a educação comprometida com uma rigorosa construção do conhecimento, oportunizando a docentes e discentes a prática da pesquisa cotidiana. Quanto ao uso das TDICs em cursos de licenciatura a distância, compreendi que:

Já não se discute mais se [as tecnologias devem fazer parte das práticas político-pedagógicas [...]], desde que a disseminação da informática pôs a escola



www.integraead.ufms.br



integraead@ufms.br



[@integraead](https://www.instagram.com/integraead)



bit.ly/falecomintegraead

**6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS**



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

diante do desafio de uma nova linguagem presente na sociedade (e não só no mundo do trabalho, mas também no lazer e na cultura) e ausente da escola. Se a televisão podia ser ignorada ou condenada facilmente por seu caráter profano de meio de lazer vulgar e desprovido de potencialidades educativas mais nobres, o computador aparece como máquina de trabalhar e de pensar, instrumento indispensável para a produção e transmissão do saber (BELLONI, 2001, p. 27).

Com esse percurso teórico assumi, com maior consciência, as responsabilidades políticas, sociais e educacionais de ser professora. Nossa profissão requer conhecimento, estudo, reflexão, pesquisa e propostas transformadoras. Planejar, avaliar, replanejar. Como docente na modalidade a distância, aos poucos fui descobrindo brechas que gestaram significativas experiências para meus processos formativos continuados.

3 Procedimentos metodológicos: o estradar compartilhado

A pesquisa, com predominância qualitativa, foi desenvolvida ao longo de onze anos, por meio de registros das experiências vividas como professora de cursos de licenciatura, na modalidade a distância, ofertados pela UFMS. Com a compreensão de que a observação, a escuta e a pesquisa são partes constituintes da atuação político-pedagógica, ao iniciar a docência na modalidade a distância, intuitivamente comecei a anotar em um caderno as minhas observações, sentimentos, reflexões, inquietações. Também anotei as narrativas dos/as alunos/as, suas trajetórias de vida, seus processos de escolarização. Com esses registros fui construindo - com experiências, leituras e estudos -, uma matriz epistemológica que contribuiu para os planejamentos, as definições metodológicas e os processos avaliativos.

A construção teórico-metodológica se fez com autores/as que estudam as potencialidades da pesquisa qualitativa, com foco nas ciências humanas e sociais, na busca de tecer caminhos que possibilitassem assegurar voz aos/às efetivos/as protagonistas da educação a distância, os/as alunos/as: Benjamin (1980); Brandão (1982); Demartini (1997); Feldman-bianco e Leite (1998); Garcia (2003); Ginzburg (1987); Grossi (1982); Lagrou (1994); Löwy (1994); Maturana e Varela (2001); Minayo (1996, 1999); Queiroz, 1988).



integraead.ufms.br



integraead@ufms.br



@integraead



bit.ly/falecomintegraead

**6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS**



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

A definição metodológica foi dinâmica e não pretendeu quantificar e analisar dados, mas foi sendo sistematizada para orientar a adequação das práticas político-pedagógicas, tornado-as mais próximas das necessidades e dos interesses discentes, qualificou e significou os processos de ensino e de aprendizagem. No entanto, estava consciente de que as minhas observações e capacidade de apreensão da realidade estariam comprometidas por minha subjetividade, pois nada é neutro. O que ouvimos, vemos e percebemos está limitado por, como ressalta Löwy (1994, p. 107): “[...] uma certa **forma de pensar**, de uma certa **problemática** e de um certo **horizonte intelectual** (aspectos inseparáveis que se condicionam reciprocamente, momentos diversos de uma mesma totalidade ideológica).” (grifos do autor). O método dialético possibilitou o exercício da tese-antítese-síntese, buscando contextualizar cada narrativa, cada opinião, cada resposta. Também evidenciou os riscos de influência da minha subjetividade. Os questionários *online*, construídos coletivamente e aplicados nas pesquisas do GEFoRPED, contribuíram para manter a objetividade esperada em pesquisas científicas, evitando os riscos de parcializar excessivamente o observado.

4 As bonitezas de ensinar e de aprender a diminuir distâncias

Estudar na modalidade a distância traz desafios que muitas vezes não são compreendidos pelos/as profissionais que atuam nas instituições formativas. Como professora, as inquietações emergiram. Ainda precisava estudar, observar, ouvir, sentir e experimentar para melhor compreender os processos educativos a distância; para saber como se construiria o ato político-pedagógico com a mediação das TDICs; para poder manter a coerência e as minhas responsabilidades político-educacionais e, coletivamente, pensar caminhos metodológicos.

As pesquisas realizadas pelo GEFoRPED (2011-2019) evidenciaram que, com todas as



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

dificuldades existentes, os/as alunos/as avaliam satisfatoriamente os processos de ensino e aprendizagem. Há muitos desafios: os processos de escolarização pelos quais passaram; o estranhamento com a sazonal presença física dos/as professores/as; a relativa qualidade e o insuficiente quantitativo dos equipamentos pessoais; o sinal de *internet* fraco; a necessidade de conciliar trabalho, estudo e responsabilidades familiares etc. Novamente, Freire (2004, p. 107) acalentou: “Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias e inúmeras decisões que vão sendo tomadas.” Compreendi que cada aluno/a faria seu percurso e que eu, professora, poderia ser parceira neste estradar.

A partir dessa percepção, que denomino sabedoria, compreendi que estava diante de um desafio e que precisava buscar outros paradigmas para não atrapalhar o percurso dos/as alunos/as. O tema confiança, que passou a ser estudado a partir das décadas de 60 e 70, principalmente nas áreas da psicologia (DEUTSCH, 1958, 1960, 1962; GABARRO, 1978; GIFFIN, 1967; ROTTER, 1967, 1971), despertou meu interesse. Senti que a confiança fortaleceria as possibilidades de efetivar os processos de ensino e aprendizagem com leveza e com resultados que poderiam surpreender, pois implicaria na liberdade de cada um/a fazer a sua parte.

Retornei às perguntas iniciais e busquei caminhos para construir processos educativos a distância que possibilitassem vivenciar o ato político-pedagógico em sua inteireza. Busquei a coerência político-pedagógica e fui construindo, com os/as alunos/as, metodologias que têm nos aproximado afetivamente e têm facilitado as aprendizagens. Nossos encontros, presenciais e a distância, são poéticos e brincantes. Compreendi melhor a importância do aprender a pensar e aprender a aprender, para além de simplesmente acumular conhecimentos. Valorizei as experiências vividas pelos/as alunos/as, seus conhecimentos, seus jeitos de ser e se expressar. Respeitei os tempos de cada um/a, pois não há padrão para aprender, e aprendizagem requer elaboração, reflexão, associação com conhecimentos anteriores. Busquei



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

significar os conteúdos, relacionar com as suas trajetórias de vida. Ouvi mais, falei menos. Reencontrei com Freire (2004, p. 25): “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.”

Analisando as tramas que compõem o contexto da atuação profissional, buscando analisar criticamente para propor soluções alternativas que superassem as concepções tradicionais de educação, e querendo construir com os/as alunos/as outras práticas político-pedagógicas, para tornar o distante próximo, novamente li Freire: “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática.” (2004, p. 43).

Freire escreveu sobre saberes, evitava as competências - associadas às concepções produtivistas, tecnocráticas, empresariais, competitivas. Possibilitou compreender que a educação vem de outra natureza e, mesmo que seja mediada pelas tecnologias, será com sentidos outros, humanizados e requerendo continuidade formativa ao longo de toda a vida. É fundamental que o/a professor/a saiba o porquê e o que ensina, por meio das TDICs. Nessa concepção, estudar e pesquisar são partes constituintes do estar aluno/a e do estar professor/a, todos/as aprendizes:

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 2004, p. 32)

Com essas práticas e reflexões fui mergulhando na pesquisa para compreender a formação de professores na modalidade a distância que tem sido defendida e atacada sistematicamente. Estudei alguns documentos disponibilizados nos *sites* da CAPES e do MEC para conhecer o histórico e os objetivos da implantação e da implementação do sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB) e do Programa Universidade para Todos (ProUni). Após essas leituras, busquei conhecer melhor a educação na modalidade a distância, uma



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

temática ainda desconhecida para mim, encontrando, entre tantos outros/as: André (2009, 2011); Belloni (2003, 2009); Candau (1982, 1983, 1984, 1987); Carvalho (2006); Diaz Bordenave (1987); Gatti (2010, 2013); Moran (2012); Moran et al. (2013); Neder (2000); Niskier (1999); Saviani (2008, 2009); Tardif (1999); Valente, Arantes, Moran (2011).

Com mais de quarenta anos de docência, fui instigada a viver experiências nas quais o lugar de professora se deslocou da presença física para a distância. Processualmente desaprendi para aprender jeitos outros de estar com os/as alunos/as, estabelecendo redes de comunicação e de confiança alicerçadas no respeito à liberdade individual, no compromisso coletivo, no exercício de compartilhar experiências e conhecimentos. Experimentei a avaliação compartilhada e corresponsável, que se configurou como desafio e se efetivou como possibilidade de ser menos autoritária, mais flexível e confiante, gestando exercícios de autoavaliação docente e discente. Aprendi a ouvir mais, a controlar menos, a não julgar e a perceber que a ação político-pedagógica, presencial ou a distância, está impregnada de contradições e de questionamentos. Aprendi, sobretudo, a conviver com dúvidas mobilizadoras para os estudos, construindo uma atuação mais reflexiva e consciente.

No decorrer do processo, em 2018, ao perceber que a totalidade dos/as alunos/as possuíam celular com *WhatsApp*, iniciei uma experiência que tem sido muito instigante, a comunicação em grupo. A cada início de semestre é constituído o grupo da disciplina para otimizar a comunicação entre nós e os conteúdos. Inicialmente, como é habitual, houve dificuldade para evitar postagens aleatórias. No entanto, após um mês, o grupo já estava disciplinado e conseguimos ampliar nossa comunicação e compartilhar textos, poesias e vídeos referentes aos conteúdos abordados. A cada postagem minha, intencionalmente compartilhada, apresento questionamentos e suscito opiniões que têm gerado debates muito instigantes.

Nesse percurso, tenho conseguido, com a participação efetiva dos/as alunos/as, tornar nossas práticas político-pedagógicas mais brincantes, mais leves, mais prazerosas, mais



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

aprendentes. Recorri ao nosso poeta Manoel para anular as classificações e as hierarquias, para flexibilizar minha práxis, ainda estruturada e rígida. Com sua poética, aprendi a pensar sorrindo. Ensinar e aprender a pensar de maneira lógica e ilógica, a pensar sem repetir o que está posto, a pensar sentindo e saboreando. Passei a me desafiar, a pensar e a criar o que ainda não há ou a pensar e entender o que já existe e me parecia tão estranho e distante da educação formal. Conversei com a criança que fui e que ainda sou - mas que às vezes está tão camuflada por obrigações, que não mais se manifesta. Voltei a encantar a minha profissão: “Uso a palavra para compor meus silêncios. Não gosto das palavras fatigadas de informar. Dou mais respeito às que vivem de barriga no chão tipo água pedra sapo. Entendo bem o sotaque das águas. Dou respeito às coisas desimportantes e aos seres desimportantes. (BARROS, 2003, p. IX)

5 Resultados e discussões: narrativas que indicam caminhos

As pesquisas realizadas pelo GEFoRPED (2001-2019), com metodologia quali-quantitativa, foram analisadas, interpretadas e geraram várias publicações que contribuíram para a melhor compreensão da modalidade a distância e as características dos/as discentes. Portanto, neste artigo, vou compartilhar as narrativas de algumas alunas (os três homens não participaram), nas quais elas abordam a atuação docente e as consequências em seus processos de ensino e aprendizagem, focando nas relações de confiança, liberdade, autonomia. São alunas que estão cursando o sétimo semestre de Pedagogia, nos polos de apoio presencial UAB de Bela Vista e Bonito. As respostas foram enviadas por *WhatsApp*, por escrito. Respeitando as questões éticas, usarei pseudônimos. Por serem pequenas narrativas, optei por apresentar todas e fazer os comentários na sequência:

A educação a distância me tornou autônoma e disciplinada para a realização das minhas atividades. É uma maravilha, porque somos trabalhadoras e trabalhadores e temos a oportunidade de realizar uma graduação. O professor/a que trabalha



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

com liberdade e confiança, no potencial de cada um/a, motiva o/a discente a ser protagonista da sua aprendizagem e, assim, elas se efetivam. (Jasmim)

A educação a distância é o que me possibilitou continuar minha vida acadêmica, devido as correrias do dia a dia, e o fato da minha cidade não ter faculdades presenciais. Esta foi a melhor opção para continuar estudando, já que estar viajando para outra cidade todos os dias já não é uma opção para minha vida. O fato dos professores trabalharem nossa auto responsabilidade e estar sempre à disposição para sanar dúvidas é o que mais contribui para que continuemos perseverantes, correndo atrás de um sonho conjunto, dos docentes e dos discentes. A educação a distância me possibilitou a retomar os estudos, uma graduação de qualidade, mesmo morando no interior do estado do MS, trabalhando o dia inteiro... Algo que eu imaginava estar longe e de difícil acesso... Hj se faz possível! (Violeta)

Minha extrema gratidão e admiração a professores que têm total segurança em seu trabalho, que exercem seu ofício com confiança e liberdade, que confiam em seus alunos e transmitem a eles essa segurança e confiança. Com essa autonomia dada a nós alunos, temos liberdade de pensar, discordar, pesquisar, buscar nosso aprendizado, tendo condições de opinar com criticidade e apropriação do conhecimento absorvido... (Camomila)

Educação a distância na minha percepção combina com isso, com liberdade de informação e conhecimento, e os professores estão aí para nos direcionar, impulsionar e isso nos motiva cada vez mais. (Primavera)

A confiança é algo muito importante, pois quando digo que estou com algum problema ou dificuldade, e isto acabou me atrapalhando nas atividades e nos prazos, e o professor dá um voto de confiança, faz com que nos sintamos parte da universidade, como um aluno mesmo, e não apenas como um aluno de tabela, porque em algumas situações, há um sentimento de abandono de nossa parte. (Margarida)

Por isso, é preciso que o professor tenha essa aproximação com o aluno... Sem essa aproximação não tem a possibilidade de haver confiança, porque cada aluno e cada professor, possuem um jeito de ser e de trabalhar, uns mais esforçados e outros não... De ambos os lados. (Rosa)

Às vezes canso. Muitas leituras, muitas atividades de avaliação. Tenho vontade de parar, depois arrango coragem e continuo. Às vezes desisto de alguma disciplina e deixo para depois, mas quando o/a professor/a apoia, eu vou até o final. (Pérola)

Do mesmo modo como é minha obrigação de cumprir meu papel como aluno, o professor tem suas obrigações... Às vezes sinto-me na fila do SUS na Universidade... Eu acredito que se cada pessoa se empenhasse em tudo o que faz, mesmo que não seja o que ela mais gosta de fazer, o mundo seria melhor. (Mel)



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

Gosto de estudar e do curso que estou fazendo, mas não gosto quando alguns professores chamam atenção geral, desconfiam se fomos nós que fizemos as atividades. Deveriam falar direito com quem precisa ouvir. (Estrela)

Em muitos casos não houve a construção da confiança entre professor e aluno. Porque eu não o conheço. Não sei quem ele é, e vice-versa. A confiança ajuda muito na construção de conhecimentos do aluno...afinal eu posso contar com quem confio no que eu precisar. Somos seres humanos...não tem como guardar na geladeira as emoções e ir pra faculdade...tudo faz parte do pacote...e é isso que faz com que lutemos e continuemos, mesmo com as adversidades. (Luz)

Ao ler as narrativas, selecionadas aleatoriamente entre tantas outras, é possível compreender a importância da educação na modalidade a distância e o quanto as alunas estão conscientes desse direito cidadão, que lhes assegura a oportunidade formativa. De maneira geral, alunos/as da educação a distância são trabalhadores/as, têm família constituída e, portanto, são mais compreensivos/as com as diferenças metodológicas e a atuação docente. São cuidadosos/as ao criticar e estão satisfeitos/as por estarem numa universidade pública.

Outra questão importante de ressaltar é que a modalidade a distância não traz o cansaço da rotina das aulas presenciais. Quando acontecem os encontros no polo, um por semestre e disciplina, alunos/as e professores/as estão saudosos/as, com desejos de estar juntos/as e as aulas transcorrem com respeito e leveza. Raramente ouvi falar de atitudes grosseiras e impacientes nas relações professores/as e alunos/as na modalidade a distância.

Para os/as professores/as, depois de superado o impacto inicial, atuar na modalidade a distância passa a ser prazeroso e, em sua maioria, atende ao que é esperado, como indica Belloni (2008, p. 83): “Professor formador: orienta o estudo e a aprendizagem, dá apoio psicossocial ao estudante, ensina a pesquisar, a processar a informação e a aprender; corresponde à função propriamente do professor no ensino presencial.” No entanto, a atuação se torna mais exigente para os/as docentes que trabalham uma ou duas disciplinas e não conseguem conhecer os/as alunos/as e se fazer conhecer por eles/as.

Os anos trabalhados na modalidade a distância, os registros efetivados e as narrativas discentes permitem afirmar que o ato político-pedagógico, na concepção freiriana, acontece



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

quando a educação se faz como projeto individual e coletivo, como parte de um projeto mais amplo que se configura nas respostas às perguntas apresentadas no início deste artigo: Que sociedade, que seres humanos e que educação temos? Quais queremos ajudar a constituir?

6 Considerações finais: para continuar a pensar e a problematizar

O ato político-pedagógico se tece no encontro de discentes e docentes, em suas liberdades de serem quem são, mas também na potente possibilidade de serem, a cada dia, diferentes e mais conscientes. A confiança, nesses processos, é essencial, pois é gestada em relações que se querem horizontais, não autoritárias, não controladoras, não competitivas.

A educação, na modalidade a distância, é um singular *locus* para essas práticas político-pedagógicas que podem gerar autonomia, corresponsabilidade, liberdade. E, justamente essas possibilidades têm sido uma das maiores dificuldades para os/as professores/as mais conservadores/as atuarem nesta modalidade, ao perceberem que não há como estar presentes em todos os momentos. O livre arbítrio, outorgado aos/as discentes de maneira mais efetiva, modifica as relações político-pedagógicas e permite a cada um/a decidir como fará a seu percurso formativo. Nessa dinâmica, os/as professores/as não conseguem ter certezas, pois as dúvidas estarão sempre presentes e, dialeticamente, serão essas que impulsionarão novas metodologias e novas maneiras de estar presentes, mesmo que a distância.

Os/as discentes, em sua maioria, estão satisfeitos com os processos de ensino e aprendizagem, com raras exceções. Sabem que, como trabalhadores/as e com responsabilidades familiares, dificilmente conseguiriam se deslocar para estudar em outro município. Reconhecem o empenho dos/as professores/as, mas, em algumas situações, gostariam de maior presença, mesmo que a distância. Gostam de autonomia e liberdade, mas querem os/as professores/as mais próximos. Incongruências, contradições, humanidades.



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

A educação a distância, em seus limites e potências, pede confiança, liberdade, corresponsabilidade, diálogo, amorosidade, gentileza, respeito aos diferentes saberes e culturas. Inclui as TDICs, mas pede presencialidade. Para mim, tem significado caminho de desaprender para aprender de jeitos outros, talvez transgressores, talvez irreverentes, sempre na boniteza de ser gente e ser professora. Com alegria, cores, sabores, ternura, esperançar.

7 Referências

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

FÁVERO, Maria L.A. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Nilda (org.) **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1992. p.53-71.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São paulo/ Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**. 5. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.



integraead.ufms.br



integraead@ufms.br



[@integraead](https://www.instagram.com/integraead)



bit.ly/falecomintegraead

**6 a 9 de Outubro de 2020
Campo Grande - MS**



**INTEGRA
EaD 2020**

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS EM CENÁRIOS DE TRANSIÇÃO: MÚLTIPLOS OLHARES PARA APRENDIZAGEM

MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; MORAN, M. T.; MASETTO, & M. A. Behrens (Orgs.). **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3 ed. Campinas: Papirus. pp. 137-144.

VAZ, Alexandre Fernandez; SAYÃO, Deborah Thomé; PINTO, Fábio Machado. (Org.) **Educação do corpo e formação de professores**: reflexões sobre a Prática de Ensino de Educação Física. Florianópolis: UFSC, 2002.